



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025

Mapeamento Participativo e elaboração do Inventário Geral da Biodiversidade e dos Bens Culturais na comunidade quilombola do Riacho do Mel em Iraquara-Bahia.

**Raphael da Silva Souza¹; Pedro Rogério de Oliveira²
Correia²; Fabio Pedro Souza De Ferreira Bandeira³;
Ricardo Augusto Souza Machado⁴**

1. Bolsista – PROBIC/UEFS, Graduando em Bacharelado em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: raphaelss1304@gmail.com
2. Participante do projeto, Licenciado em Geografia e Mestrando em Planejamento Territorial, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: pedrorogério1598@gmail.com
3. Co-orientador, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: fpbandeira@uefs.br
4. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ricardo.machado@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Mapeamento participativo; Turismo de base comunitária; Comunidade quilombola.

INTRODUÇÃO

Comunidades rurais e quilombolas têm historicamente desenvolvido estratégias próprias de gestão de recursos naturais e organização territorial, promovendo a conservação da biodiversidade e modos de vida sustentáveis (ROBSON, 2007). No Brasil, o turismo de base comunitária (TBC) surge como alternativa socioeconômica, fortalecendo identidades locais e valorizando o conhecimento tradicional, especialmente em territórios inseridos em áreas de proteção ambiental (MORAES; MENDONÇA, 2024).

A comunidade quilombola de Riacho do Mel, localizada em Iraquara, Bahia, integra a Área de Proteção Ambiental (APA) Marimbus–Iraquara, unidade de conservação de uso sustentável que coexiste com outras áreas protegidas da Chapada Diamantina. A diversidade de ecossistemas resulta em elevada heterogeneidade ambiental, refletida na presença de espécies endêmicas e em usos tradicionais do território, como agricultura familiar, pastoreio e turismo de natureza, além de sítios culturais, que incluem pinturas rupestres e caminhos ancestrais, configurando um espaço de grande interesse para estudos de turismo comunitário e conservação ambiental.

A região apresenta elevada heterogeneidade ambiental, com sobreposição de formações vegetais de cerrado, caatinga e mata atlântica, além de ecossistemas aquáticos de alta relevância biológica. A presença de espécies de peixes como *Geophagus diamantiniensis*, *Copionodon orthiocarinatus* e *Hoplias malabaricus* evidencia a importância biológica e cultural do território, reforçando a necessidade de estratégias de conservação que contemplem aspectos ambientais e socioculturais.

Nesse contexto, o mapeamento participativo é uma metodologia que permite integrar o conhecimento científico ao Conhecimento Ecológico Tradicional (CET) da comunidade, abrangendo informações sobre fauna, flora e práticas culturais (ALVES et al., 2010), tendo este estudo o objetivo de mapear o território de Riacho do Mel, identificando trilhas, atrativos naturais e culturais, além de caracterizar a biodiversidade local. Busca-se produzir e organizar uma base de dados geográficos, biológicos e culturais que fortaleça o protagonismo comunitário, subsidie práticas de turismo sustentável e contribua para a conservação dos recursos naturais e patrimoniais.

A relevância do trabalho está na articulação entre ciência e saberes locais, na valorização do protagonismo da comunidade e na promoção de estratégias de turismo que respeitem a cultura, a história e a ecologia do território, configurando-se como modelo de desenvolvimento local sustentável e inclusivo (ACSELRAD, 2002; BRANDÃO, 2019; PIMBERT; PRETTY, 1997).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

A metodologia adotada foi participativa, integrando saberes científicos e conhecimentos tradicionais da comunidade. Para o mapeamento de trilhas e atrativos, foram identificadas e georreferenciadas treze trilhas principais utilizando GPS (*Global Positioning System*), registrando dados como extensão, duração, elevação, grau de dificuldade, idade mínima recomendada e recomendações de segurança. O inventário da biodiversidade contemplou espécies de peixes e aves. A equipe coordenada pelo Prof. Dr. Alexandre Clistenes de Alcântara Santos realizou o levantamento de peixes nos corpos d'água, já a equipe coordenada pelo Prof. Dr. Caio Graça Machado Santos documentou aves, destacando espécies endêmicas da Chapada Diamantina e aquelas de interesse turístico e cultural. Além disso, foram registrados sítios arqueológicos, caminhos ancestrais, estruturas do período do coronelismo e outros locais de importância histórica e cultural para a comunidade.

Todos os dados coletados foram tratados e processados no software QGIS, possibilitando a elaboração de mapas temáticos, incluindo o Mapa com Atrativos Turísticos de Riacho do Mel (Figura 1). As informações foram organizadas em um banco de dados georreferenciado que integrou a posição espacial das trilhas e atrativos, a distribuição de espécies de fauna aquática e aves, áreas de vulnerabilidade ambiental e cultural, e locais de interesse histórico. Esse processo permitiu avaliar a fragilidade ambiental, os riscos de degradação e a relevância cultural de cada local, incorporando o Conhecimento Ecológico Tradicional (CET) da comunidade (ALVES et al., 2010; PIMBERT; PRETTY, 1997).

A participação ativa dos moradores foi central em todo o processo, garantindo que a identificação, interpretação e registro dos atrativos e recursos naturais refletissem a experiência e o conhecimento local. Todos os procedimentos respeitaram a legislação vigente sobre áreas protegidas, conservação ambiental e direitos territoriais de comunidades quilombolas, promovendo a construção coletiva do mapa e dos inventários, fortalecendo o protagonismo comunitário e contribuindo para a elaboração de estratégias de turismo sustentável e gestão territorial participativa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

O mapeamento dos atrativos turísticos da comunidade de Riacho do Mel permitiu identificar treze trilhas principais, cada uma com características distintas em termos de extensão, grau de dificuldade, elevação e pontos de interesse natural e cultural. A análise espacial realizada no QGIS evidenciou que as trilhas mais longas e de maior elevação

concentram maior diversidade de atrativos, incluindo cachoeiras, poços, formações rochosas e sítios arqueológicos, enquanto as trilhas de menor extensão apresentam maior acessibilidade, destacando-se pelo contato direto com a vegetação nativa e fauna local. Essas informações foram consolidadas no Mapa (Figura 1), permitindo uma visualização integrada da distribuição espacial dos recursos naturais e culturais da comunidade.

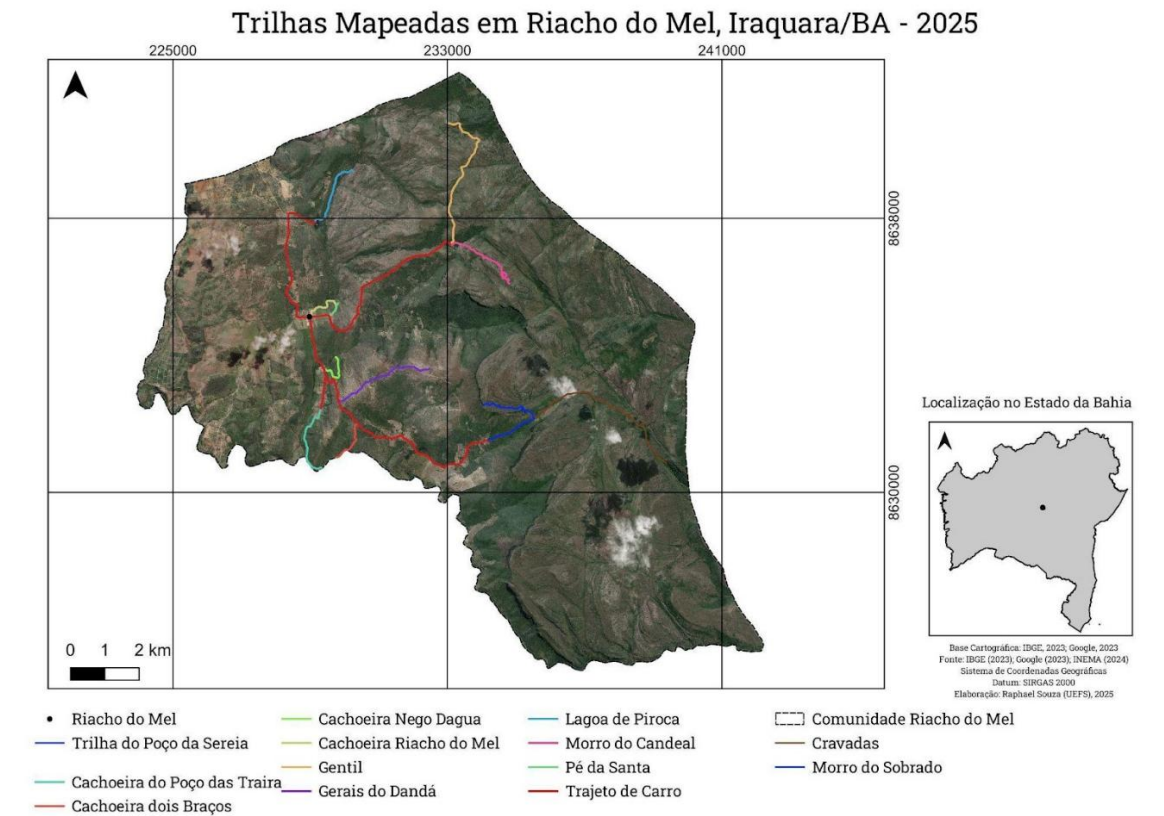


Figura 1: Mapa com Atrativos Turísticos de Riacho do Mel

A fauna aquática e a avifauna da região apresentaram distribuição heterogênea, com espécies endêmicas da Chapada Diamantina concentradas em áreas de menor impacto humano. Espécies de interesse comunitário e turístico, como a Traíra (*Hoplias malabaricus*), foram observadas em poços e riachos próximos às trilhas de maior circulação, indicando a necessidade de estratégias de manejo sustentável para preservar a biodiversidade e evitar conflitos entre uso recreativo e conservação ambiental (ALVES et al., 2010; PIMBERT; PRETTY, 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de mapeamento participativo na comunidade quilombola de Riacho do Mel demonstrou a eficácia da integração entre conhecimentos científicos e saberes tradicionais na compreensão e gestão do território. A sistematização de informações georreferenciadas sobre biodiversidade, fragilidade ambiental das trilhas e bens culturais possibilitou a construção de uma base espacial sólida, que sustenta o planejamento do turismo de base comunitária e de natureza.

Os resultados evidenciam que a combinação de geotecnologias e etnomapeamento permite identificar de forma precisa ativos ambientais e culturais, ao mesmo tempo em que fornece subsídios para a mitigação de impactos decorrentes do turismo. O protagonismo comunitário, fortalecido durante todo o processo, mostrou-se fundamental para legitimar o conhecimento local, garantindo que a gestão do território respeite a memória, os valores culturais e a sustentabilidade ambiental.

O estudo confirma que o turismo de base comunitária estruturado a partir de dados

confiáveis e do engajamento da população local não apenas contribui para a valorização cultural e preservação ambiental, mas também para o fortalecimento socioeconômico da comunidade. Dessa forma, a experiência em Riacho do Mel reforça a relevância da articulação entre ciência e saberes tradicionais como instrumento de gestão territorial, promoção do desenvolvimento sustentável e afirmação da identidade e dos direitos da comunidade quilombola.

REFERÊNCIAS

PIMBERT, M.; PRETTY, J. *Participatory learning and action for conservation and sustainability*. London: IIED, 1997.

MORAES, A.; MENDONÇA, L. Turismo de base comunitária no Brasil: resistência e valorização cultural. São Paulo: Annablume, 2024.

ROBSON, J. Gestão comunitária e sustentabilidade rural na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

ALVES, R. R. N.; PIMBERT, M.; PRETTY, J. Conhecimento ecológico tradicional e conservação da biodiversidade. Brasília: MMA, 2010.

ACSELRAD, H. Meio ambiente e justiça social: a ambientalização das lutas sociais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

BRANDÃO, P. Turismo e comunidades na Chapada Diamantina: desafios da sustentabilidade discursiva. Salvador: EDUFBA, 2019.